

História da Literatura e Vida Literária: Algumas formações relevantes sob a superfície da ilha

Leopoldo Comitti

Universidade Federal de Ouro Preto

Alfredo Bosi, em "O Tempo, os Tempos"¹, ensaio da Coletânea Tempo e História, afirma que "datas são pontas de icebergs". Essa metáfora, utilizada para mencionar o contexto histórico-cultural de datas-marco, sob a aparência de mais um clichê dos estudos acadêmicos acaba por refletir sobre si própria, pois também ela possui além da superfície visível uma dimensão outra que a sustenta. Com grande habilidade, Bosi esconde e mostra um hipertexto que relativiza ainda mais o texto que lemos, que por sua vez já trata da relativização das leituras históricas sistemáticas. Sem explicitar, o crítico sugere uma grande mobilidade para a interpretação das datas por ele mencionadas: pináculos flutuantes, nada mais são que demarcações de massas maiores, congeladas em blocos de formatos imprevisíveis e erráticos, passíveis de dissolução de acordo com a temperatura contextual.

Apesar do evidente fascínio pela metáfora de Bosi, neste trabalho utilizaremos uma outra, mais clichê, justamente para se contrapor a dele. Não porque a julguemos imprópria ou conceitualmente problemática, mas por achá-la por demais instigante. Isto porque obras e autores, quando observados sob o

¹ BOSI, Alfredo. O Tempo, os Tempos. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ângulo de sua inserção em uma vida literária de certo período ou região, também podem ser vistos como pontas de icebergs; especialmente quando participantes como figuras menos expressivas no contexto de uma relação canônica de uma determinada literatura. Não queremos afirmar aqui que o texto absolutamente canônico seja menos errático, menos frágil que um pedaço de gelo no oceano. Apenas frisamos que, no âmbito da historiografia literária, os vestígios deixados por eles mais se assemelham a ilhas; menos abstratos que as datas, apóiam-se em um vestígio material com menor potencial de dissolução: a obra publicada e quase cartorialmente registrada. Sobre icebergs temos apenas relatos de sensações provocadas pelo contato intenso, porém efêmero. Da produção literária de um determinado texto restam mais que relatos: temos composições gráficas que se reconfiguram a nossos olhos. As novas leituras não os liquefazem; pelo contrário, dão a eles maior aparência de solidez.

Tais textos, portanto como ilhas, erguem sua superfície sobre outra superfície, essa menos imóvel - a dos tempos, com suas ondulações, correntes, marés. Costumamos olhá-los como quem olha uma paisagem, observando o mar, o céu, outras ilhas menores, ou talvez até mesmo algum continente ao qual pertença. No entanto, para compreender sua condição de isolamento, faz-se necessário mais que um olhar de superfície: necessitamos de um mergulho que nos mostre a grande massa sedimentar que os sustentam.

O mergulho que mencionamos tem relação estreita com as proposições de Bakhtin a respeito da *grande temporalidade*², proposições essas que apontam para a necessidade de um trabalho mais cuidadoso quando nos ocupamos de uma abordagem contextual da literatura. Além das questões sócio-políticas imediatas (a paisagem), ganham destaque as condições que propiciaram a emergência de um autor ou texto em determinado momento histórico. Assim, tornam-se extremamente relevantes estudos de História da Literatura, a pesquisa em fontes primárias e, principalmente, das manifestações literárias contemporâneas ou antecessoras daquele *corpus* literário primeiro.

A partir de tal perspectiva, destacamos a relevância dos estudos da vida *literária* de grupos *não legitimados* pela crítica como fator de releitura de autores e obras canônicos, especialmente quando esses possuem relações tênues, ou apenas tangenciais com os movimentos literários registrados pela História da Literatura.

Quando Bakhtin, no texto citado anteriormente, aponta para a necessidade de se estudar a literatura tendo em vista a grande temporalidade, baseia-se, certamente, em sua própria experiência. Por trás do texto publicado na *Novy Mir*, podemos ouvir ecos de outros estudos seus, especialmente aqueles relacionados ao dialogismo. Isto porque, sem a perspectiva proporcionada por um recorte temporal mais dilatado, as relações entre o romance, a sátira menipéica e o carnaval medieval permaneceriam ainda invisíveis para o teórico. Considerado, até Bakhtin, como a expressão moderna da epopéia, o romance era estudado a partir desse pressuposto, fato este que desfocava suas características mais expressivas, mantendo-as soterradas sob uma densa camada de conceitos a ele estranhos, referentes a uma poética clássica.

Bakhtin mostra-se consciente das dificuldades que esse tipo de trabalho apresenta. Trata-se de um empreendimento complexo, porque mergulha não só numa extensa rede de variáveis sócio-culturais, como também deve estar ancorado, principalmente, numa história da leitura. Ao ler um texto literário, especialmente aqueles já denominados clássicos, o pesquisador não pode jamais ter uma visão ingênua da leitura. É preciso ter em mente que os sentidos não estão dados *a priori* pelo texto ao leitor, mas que nascem da interação entre um e outro. Quando lemos, atualizamos não somente aqueles signos que se encontram impressos na obra, mas também, e principalmente, toda uma constelação que os precede.

Assim, ler a partir do conceito de grande temporalidade, não diz respeito a uma noção fossilizada de levantamento do contexto da obra e do percurso do texto no tempo (tais como as diferentes visões da crítica, o interesse do público leitor, o impacto da obra, a apropriação de suas características por epígonos). Tudo isso, será, sem dúvida, relevante para o estudo, mas

² BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

não basta. É preciso ter em mente que o ato de leitura atualiza toda uma rede simbólica tanto da obra quanto do leitor. Ler, portanto, faz desencadear um processo que só pode ser compreendido a partir de uma visão mais ampla, que pressupõe a consciência de que o próprio leitor mergulha na historicidade.

O ato de leitura, compreendido dessa forma, se faz a partir de dois movimentos contraditórios. O primeiro, mais ingênuo, nos revela a obra, a partir do momento em que ela passa a fazer parte de nosso acervo literário. O segundo, menos óbvio, mais sutil, nos leva a participar da elaboração da mesma, porque, a partir do momento em que o texto entra em contato com nossa rede simbólica, esta o envolve, impregnando-o de todo o nosso conhecimento anterior a respeito de literatura, formas e gêneros literários, crítica à própria obra, comentários, biografia do autor. Nosso olhar dá a ele uma nova formatação, uma nova configuração, absolutamente diversa daquela prevista pelo escritor, ou mesmo por um outro leitor. Nosso olhar funciona como um véu, um filtro, que se sobrepõe ao objeto olhado.

Se o processo se dá dessa forma, irremediavelmente, o projeto crítico de Bakhtin parece estar fadado ao fracasso, por se revelar utópico. Ou seja, uma busca exaustiva de algo que não existe, de uma verdade essencial, presente no texto em si, libertado da subjetividade do leitor. Aliás, esse seria o fracasso de toda crítica literária que se propõe científica.

Parece-nos, no entanto, que a proposição de Bakhtin passa longe disso. O que se coloca em jogo, aí, é o desvendamento do próprio processo (não nos esqueçamos que uma leitura filtrada sempre pressupõe uma venda, tanto sobre os olhos do crítico quanto de seu leitor). Um estudo baseado na grande temporalidade, evidentemente, não resgatará uma qualquer verdade do texto, mas colocará em evidência os elementos constitutivos deste véu, feito de tradição e pressuposições. Virão à tona, por tal processo, os elementos detonadores de nossa leitura. O que se colocará em crise não será a obra literária em si, mas o olhar que lançamos sobre ela, sempre construído a partir de fragmentos de outros olhares, alguns até mesmo considerados por nós anacrônicos. A tradição crítica, a repetição

pura e simples da palavra legitimada deixam escolhos sobre a superfície de nossa leitura, que fazem parte de um processo natural de alienação em relação ao nosso próprio saber. Um novo olhar sobre nosso objeto só será possível quando rompermos com o princípio da repetição e nos propusermos a uma nova organização de nosso código de leitura, a partir do conhecimento do contexto histórico de seus elementos constitutivos e de uma visão crítica de seu funcionamento. Faremos, então, as leituras que deixamos de fazer por acatarmos "verdades" inquestionáveis. Dessa forma, por meio do exercício crítico, estaremos instaurando um terceiro movimento no processo de leitura.

Um contexto específico se mostra extremamente fecundo para uma abordagem desse tipo. Trata-se da atividade literária em Minas Gerais, durante o século XIX. Nas inúmeras visões panorâmicas da Literatura Brasileira, parece haver um silêncio de cem anos na Literatura do Estado, senão silêncio, apenas alguns rumores. Durante quase todo o século XIX, não se faz mais menção a atividades literárias em Ouro Preto, a não ser nos derradeiros anos, como observa Brito Broca:

Na última década do século passado a "Imperial Cidade" da Província de Minas tornou-se o centro de grande ebulição intelectual. Carlindo Lellis situa essa "idade de ouro" entre 1890 e 1897. Fora, por assim dizer, o canto do cisne da antiga Vila Rica, que já nos fins do Século XVIII vivera outra época literária famosa: a dos poetas inconfidentes.³

Brito Broca salienta a presença de Raimundo Correia e, dentre os mineiros presentes nesse momento, destaca o historiador Diogo de Vasconcelos e Augusto de Lima, além de outros ali nascidos ou egressos da política:

³ BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas: vida literária do Realismo Pré-Modernismo*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1991. P.146.

Gastão da Cunha, Arrojado Lisboa, Sabino Barroso, Aurélio Pires - o Mestre Aurélio tão querido das tertúlias ouropretanas -, Rodrigo Bretas de Andrade, Nelson de Sena, José Braga - romancista cuja obra ficou inteiramente esquecida - e também, com seus requintes novi-românticos de simbolista, vindo de Conceição do Serro⁴, o poeta do Septenário das Dores, então assinando apenas Alphonsus de Guilmar⁵.

Na relação ainda estão ausentes o também simbolista José Severiano de Rezende, Horácio e Archangelus de Guimaraens, dentre aqueles registrados pela historiografia literária. Anota, porém, um grande número de intelectuais de renome, exilados em Ouro Preto em razão da Revolta da Armada de 1893:

Émile Rouède, Magalhães de Azeredo, Álvares de Azeredo Sobrinho, Leopoldo de Freitas, e, acima de todos animando o ambiente com a vivacidade de um espírito tão sociável e gentil quanto inteligente e brilhante: Olavo Bilac.⁶

Durante esse século de silêncio que antecedeu os chamados "anos de ouro", o único mineiro destacado pela História da Literatura é Bernardo Guimarães, romancista e poeta ultraromântico, mencionado sempre como participante do grupo relacionado à Faculdade de Direito de São Paulo e a atividades jornalísticas no Rio de Janeiro. Eventualmente, em notas biográficas, menciona-se seu nascimento em Ouro Preto e passagens suas, em atividades profissionais, por algumas cidades interioranas, destacando-se sua presença em Goiás (que marcará sua obra como espaço privilegiado, juntamente com Minas. Por ter seu nome relacionada à Casa Garnier, tem-se por suposto que sua vida literária mais intensa tenha se realizado no Rio de Janeiro, fato desmentido por uma biografia mais atenta. Suas ati-

⁴ Brito Broca comete aí um equívoco, pois Afonso Henriques de Guimarães, o poeta Alphonsus de Guimaraens nasceu em Ouro Preto e apenas residiu em Conceição do Serro por um breve período, no início de sua carreira profissional.

⁵ Ibid. p. 146.

⁶ Ibid., p.148.

vidades na Corte restringiram-se a uma breve passagem pelo jornalismo, da qual restam uns poucos textos de crítica literária.

Na cronologia estabelecida por Alphonsus de Guimaraens Filho⁷, os dados são imprecisos, mas sugerem um retorno a Minas a partir de 1866. Em depoimentos dos filhos, temos a sugestão de que mesmo a vida no centro urbano não lhe apetecia, trocando-a pelo meio rural.

Por mais que se tenha dedicado a uma poesia de boa qualidade (ressaltada por poucos críticos) e até mesmo ter feito incursões pelo satírico (algo entre o erótico e uma paródia radical do indianismo vigente), Bernardo Guimarães permanece em nossa historiografia literária como autor de *A Escrava Isaura*, talvez seu folhetim mais frágil em termos de composição de trama, personagens e até mesmo na utilização da expressão lingüística. Eventualmente, *O Garimpeiro* é citado, mas para colocá-lo, juntamente com seu autor, como representantes de uma corrente "regionalista" ou "sertaneja" do romantismo brasileiro.

Cabe notar, no entanto, que sua poesia recebia boa acolhida da crítica (e ainda hoje o mesmo acontece). Já em 1857, o primeiro jornal literário do Rio Grande do Sul, *O Guayba*, em texto anônimo, não só reconhece as qualidades de seu primeiro livro, como lhe cobra maior atuação literária:

O Sr. Guimarães, retirado aos lares domésticos, tem talvez abandonado sua harpa, para entregar-se ao movimento da vida positiva, a que nos sujeitam as exigências sociais, ou quem sabe senão tem abafado sua inspiração, ferido pela indiferença com que, à exceção de seus companheiros de estudos acadêmicos, foram recebidos seus primeiros arpejos?

Se for essa a causa, fazemos votos para que ela cesse e que o justo apreço que se lhe deve dar, despertando o poeta de seu infeliz sono, o faça recomeçar sua sublime tarefa.⁸

⁷ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Poesias Completas de Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro, 1959.

⁸ O GUAYBA. Porto Alegre, ano 2, n 14. 05 de abril de 1857. P. 106.

Podemos perceber, pelo comentário, que o grupo gaúcho não apenas conhecia a obra do poeta, como também acompanhava seu progressivo distanciamento dos grandes centros culturais. Não acompanhava porém sua produção, uma vez que outro periódico do Rio Grande do Sul, o jornal *América*, também de Porto Alegre, em seus dois últimos números (fevereiro e março), traz em primeira edição o poema "Melodia", concluído em 12 de dezembro de 1870 e publicado apenas dois meses após no periódico. Tal fato nos sugere que, apesar do isolamento, Bernardo mantinha contato com outros grupos literários brasileiros, num intercâmbio intenso e freqüente.

Por todo o século XIX, apenas Bernardo e Alphonsus de Guimaraens parecem merecer algum destaque quando relacionados algum tipo de atividade literária exercida "a partir da província". No entanto, apenas o deslocamento dos poetas, por alguns poucos anos, para centros de vida literária mais intensa (ou, pelo menos, com mais registros), não explica a estatura que ambos obtiveram dentro da Literatura Brasileira. Para que o escritor chegue a um amadurecimento artístico, ele necessita, ao menos, de uma formação educacional básica e uma certa efervescência cultural que lhe propicie um mínimo desenvolvimento intelectual.

A obra dos dois poetas e alguns elementos biográficos sugerem uma intensa vida literária local, que se estende por todo o século XIX, situa escritores aparentemente isolados e pode nos mostrar o percurso que a literatura fez, em Minas, desde os Poetas Inconfidentes até a Geração Modernista.

À medida que buscamos uma vida literária nesse período, vemos surgir novos elementos submersos, dentre os quais salientamos a poeta Beatriz Brandão, cuja atividade intelectual se estende por toda a primeira metade do século e sobre a qual já se começa a esboçar um perfil, a partir das pesquisas ainda em estado embrionário de Cláudia Gomes, integrante do grupo de pesquisa em História da Literatura da UFOP. Também no período que antecede os chamados "anos de ouro" o *Almanaque de Ouro Preto* de Manuel Ozzori (OZZORI, 1890) registra um grupo significativo de escritores, alguns dos quais se salientariam nos anos seguintes.

O exemplo mencionado, objeto de nossa pesquisa no presente momento, cada vez mais nos revela a necessidade de se buscar, nos estudos de vida literária, não apenas o registro dos grandes nomes, o impacto exercido por uma obra que se destaca em seu tempo. No sedimento oculto sob a superfície, ou sob os movimentos e turbulência das ondas do tempo, encontramos certamente pistas para melhor compreender as nuances da geografia das ilhas representadas pelos Guimarães canônicos.

Até aqui, nosso trabalho evocou ainda algumas personalidades (e por extensão sua obra) de maneira pouco orgânica, como se tais escritores surgissem, ou como recifes circundantes da ilha primeira, ou então como meros asteróides, cometas, meteoros que eventualmente riscavam o horizonte restrito de uma literatura de província. Nada mais enganoso, se buscarmos um pouco mais longe, fora do panteão restrito dos canônicos, outras relações possíveis que, certamente, extrapolam completamente uma visão da história da Literatura capaz de rastrear não apenas a superfície polida das Histórias da Literatura conservadoras, quase que absolutamente factuais e voltadas para (claro que aqui uso uma metáfora), os monumentos, bustos, nomes de ruas e registros escolares.

Uma proposta capaz de revitalizar os estudos de História da Literatura e da Leitura talvez seja fecunda: a de buscar relação entre a formação educacional de um determinado período, e, em seguida - passo sem dúvida necessário - estabelecer cruzamentos de dados que desloquem os estudos de vida literária das narrativas factuais, do anedotário, das polêmicas advindas dos mexericos literários do período focado.

Desse estudo, que já começa a delinear alguns perfis, salientamos a estreita relação entre a obra e a atuação intelectual de Alphonsus de Guimaraens com uma tradição literária familiar, somada a uma tradição escolar semelhante, que acaba por caracterizar entre os Guimarães um percurso mais marcado pelas semelhanças do que pelas diferenças.

Alguma bibliografia extremamente convencional, por seu conservadorismo provinciano e pelas limitações do enfoque religioso, acaba por se tornar extremamente útil, especialmente

com relação às primeiras décadas do século XX. O Cônego Trindade⁹, apesar das limitações metodológicas típicas de sua condição religiosa e de seu quase diletantismo, acaba por nos revelar informações preciosas, quase em estado bruto, porém extremamente fecundas para nossos estudos. Em meio ao tom de panegírico dos intelectuais de alguma forma relacionados com a igreja, acaba por fornecer dados preciosos para compor um quadro intelectual do período. E este, por lançar tentáculos por todo o século XIX, nos permite tecer algumas considerações, especialmente sobre a família Guimarães, ao cruzarmos tais dados com comentários bibliográficos oriundos de outras obras.

Assim, a formação do clã literário dos Guimarães se apresenta especialmente sobre uma tradição que possui pouca relação com o declinante neoclássico. As linhas mestras que conduzem a produção dos integrantes do grupo familiar formado por João Joaquim da Silva Guimarães (pai de Bernardo), Manuel da Silva Guimarães (Padre Araxá), Bernardo Guimarães, Horácio Guimarães, Alphonsus de Guimaraens e Archangelus Guimaraens parecem estar estreitamente relacionadas a uma persistente presença da formação religiosa advinda dos importantes educandários da época, tais como o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, do Caraça e suas ramificações em Campo Belo e Congonhas, além daqueles relacionados indiretamente com essa tradição, localizados principalmente em São João Del Rey e Diamantina. Fecunda, essa tradição, mesmo que transgredida, germina a partir do modernismo, nas obras de João Alphonsus, Alphonsus de Guimarães Filho e, como representante das novas gerações, Afonso Henriques Neto.

Com relação a essa tradição, o já citado Cônego Trindade, em sua obra *Arquidiocese de Mariana: subsídios para a sua história*, traça um interessante panorama da presença da Igreja nos debates intelectuais e políticos do final do século XVIII e século XX, especialmente ressaltando os sacerdotes envolvidos na Inconfidência Mineira, bem como sua produção intelectual, cujo

⁹ TRINDADE, Raimundo. *Arquidiocese de Mariana: subsídios para a sua história*. 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. V. II.

impacto não só contribuiu para o destino da conjuração, como também para seus desdobramentos posteriores. São notas breves mas que, se atentamente coligidas e comparadas a outras fontes, acabam por apresentar importantes indícios a respeito da vida intelectual e literária do período que se convencionou chamar de pré-romantismo.

Também, em capítulo posterior, o Cônego apresenta nova relação de intelectuais e escritores, ligados direta ou indiretamente à Igreja, que produziram obra copiosa durante o século XIX e até mesmo XX, obtiveram reconhecimento do público brasileiro e, por vezes, até mesmo dos meios intelectuais portugueses. Sua relação limita-se, quase que exclusivamente a sacerdotes, no entanto, acrescenta, por vezes, autores que, tendo obtido formação em instituições religiosas, delas se afastaram para se dedicarem a outras carreiras. De sua relação, destacamos aqueles com atuação literária mais intensiva, tais como Padre Antonio Ribeiro de Andrade, Padre Domingos Moreira dos Santos, Domingos Simões da Cunha, Francisco de Paula Meireles, Dr. Joaquim Domingos de Lameda, Dr. Joaquim Veloso de Miranda, Joaquim Xavier Lopes Caçado, José Joaquim de Sena Freitas, José Joaquim Viegas de Meneses, José Paulino, Júlio Engrassia de Assis, Dr. Júlio Maria de Moraes Carneiro, Luís Antônio da Silva e Souza, Manuel Joaquim Ribeiro, Manuel Xavir, Silvério Ribeiro de Carvalho, Teófilo Bento Salgado e, especialmente, o Padre José Joaquim Correia de Almeida, ao qual dedica 33 páginas de seu livro, não apenas para traçar um perfil biográfico em que se ressaltem obras pias, mas para também destacar aspectos da obra do escritor, além da repercussão da mesma junto à intelectualidade Brasileira e Portuguesa.

Praticamente todos os autores citados freqüentam quase que exclusivamente apenas as notas de rodapé dos manuais de história da literatura, inclusive o mencionado e destacado José Joaquim Correia de Almeida. Em consequência desse pouco interesse a respeito dos mesmos por parte da historiografia oficial e oficializante de nossa literatura, poderíamos atribuir o destaque que lhe dá o Cônego a razões pouco relacionadas à importância da obra, dentre essas a possível importância do padre-escritor em suas atividades religiosas. Tal conjectura, po-

rém, deixa de ser pertinente, ao abrirmos o livro *Sátiras, Epigramas e Outras Poesias* (1982), organizado por José Américo de Miranda Barros, que declara, na apresentação do livro, à guisa de introdução:

*A idéia de publicar uma antologia de poesias do padre Mestre Correia de Almeida nos veio da leitura de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1973, em que o poeta dizia: Pelo menos, que se publique uma seleção de suas poesias, com introdução de um Antonio Candido, por exemplo, para que leitores de hoje possam sentir o sabor do verso epigramático manejado há um século, lá das alturas de Barbacena. Pretendemos, com esta edição, atender à solicitação de Carlos Drummond de Andrade, e recolocar em circulação a poesia de Correia de Almeida, tão esquecida, mas também tão deliciosa e tão atual. Este volume é apenas uma amostra. Esperamos que seja uma semente, que leve a novos estudos e a uma revisão em profundidade da obra satírica do poeta.*¹⁰

Após um resumo bibliográfico, José Américo abre uma nova seção, em que transcreve trechos de escritores e críticos, salientando a importância e qualidade da obra do Padre Correia de Almeida; a saber: Carlos Drummond de Andrade, Júlio de Castilho, Camillo Castelo Branco, Arthur Azevedo, Carlos Laet, Olavo Bilac, Aureliano Pimentel, Martins de Oliveira, Ferdinand Wolf e Eduardo Friereiro. A esta relação, o Cônego Trindade ainda acrescenta Eugênio Wernek, Belmiro Braga e Augusto de Lima.

Um recorte apenas temporal seria insuficiente para atrelar a produção da família Guimarães a essa tradição literária ainda muito marcada pela religiosidade, neoclássica apenas em um levíssimo verniz exterior e apenas tateante (se tanto) em relação ao romantismo nascente. No entanto, alguns aspectos da produção literária tanto dos autores citados pelo Cônego, quanto dos Guimarães, nos possibilitam estabelecer algumas relações mais sólidas.

Em princípio, devemos salientar que os Guimarães canônicos (Bernardo e Alphonsus) obtiveram de seus textos leituras que sempre ressaltaram o caráter estranho e deslocado dos mesmos. Se comungavam com seus contemporâneos as características gerais inerentes ao contexto especificamente literário, por outro lado, algo sempre emergia das leituras como divergente ou ambíguo.

Dentre essas divergências, seria interessante observar a utilização da sátira, que em Bernardo acaba por culminar em erotismo extremo, em evidente contraste com a religiosidade que perpassa a maior parte da produção dos autores. Nesse aspecto, mais que algo relacionado a uma preocupação (ou tradição familiar), podemos encontrar as marcas de uma formação educacional, realizada por ambos em educandários religiosos da região.

Outro fato curioso, que contraria nossa pressuposição inicial de que a vida literária de Minas Gerais estava restrita a Ouro Preto logo se revela plenamente falsa. Após cruzarmos os dados de mais de cem autores menores (incluindo aqueles sem obra publicada em livro, cujas atividades se restringiam a colaborações em jornais locais), pudemos concluir que a capital da província, exceção feita aos anos de publicação de *O Recreador Mineiro* (1945-1948) possuía uma vida literária pobre, em comparação a outros centros, tais como São João Del Rei ou o Serro. Tal fato talvez possa ser explicado pelas observações do cronista-viajante Hermann Burmeister, que, em 1851, procura frisar os contrastes entre ostentação decadente, pobreza, falso cosmopolitismo e precariedade educacional:

Por tantos motivos, a vida interna e intelectual de Ouro Preto nada de interessante oferece. É uma cidade que da opulência passou a um mal disfarçado estado de miséria e perdeu sua vitalidade, conservando somente os representantes de uma vida diária e chã - o pobre operário e

¹⁰ BARROS, José Américo. *Sátiras, Epigramas e Outras Poesias*. Belo Horizonte. Ed. Autor. 1983. p. 11.

o artífice - sem animação, nem espírito de empreendimento.¹¹

O contraste com sua descrição de Mariana é gritante. Mesmo destacando a extrema pacatez da cidade episcopal, não deixa de notar a existência de duas escolas, do Colégio Providência (para meninas), além do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, então um centro importante de formação para os mineiros da elite: "Pelo que eles me mostraram, pude verificar que o programa de ensino adotado era idêntico ao dos nossos ginásios, com exceção do grego e dos estudos modernos de ciências naturais."

E mais adiante:

*Os livros didáticos menores eram impressos em Mariana, onde havia uma tipografia episcopal, muito ocupada em imprimir e editar livros de assuntos religiosos e de cânticos, catecismos e jornais políticos. Efetivamente, quando entrei na cidade, fiquei admirado ao ver, por uma janela aberta, tipógrafos que trabalhavam em instalações iguais às nossas e usando os mesmos métodos. Havia também uma livraria em Mariana (...)*¹²

Burmeister não constata de imediato a relação estreita entre a Igreja e a formação intelectual da região. Em sua condição de estrangeiro (e não católico), ainda demonstra dificuldades em se aperceber que o contraste se explica por algo mais que a decadência econômica de Ouro Preto, mas está diretamente relacionado ao fato de Mariana sediar a Arquidiocese e, portanto, juntamente com o Colégio do Caraça e suas outras ramificações (Congonhas, Campo Belo, etc.) propiciar os únicos meios de formação intelectual de Minas Gerais. Tal quadro só iria se alterar com a migração das elites em direção à Escola de Direito de São Paulo, o que talvez explique a fato de Bernardo Guimarães destacar-se, mesmo que de forma diferenciada de

seus companheiros da Sociedade Epicuréia, logo no período subsequente.

Notemos que aqueles mesmos autores religiosos citados pelo Cônego Trindade (como já dissemos impregnados de um barroquismo tardio, traços de neoclássico e já tocados por um romantismo incipiente) foram, direta ou indiretamente, responsáveis pela formação cultural das novas gerações. Assim, a literatura mineira do século XIX, por ainda apresentar-se impregnada de uma tradição cultural proveniente da tradição familiar, e daquela transmitida pelos educandários religiosos, e pelas poucas oportunidades de debate intelectual mais amplo (em consonância com as novas tendências da corte), possui um caráter diferenciado, mas nem por isso menos rico. Se não possuem, para o leitor comum, o brilhantismo e fascínio de autores mais conhecidos e editados, podem, pelo menos para o profissional que se dedica aos estudos literários, proporcionar o reconhecimento de algumas nuances de contexto já bastante esmaecidas.

Bibliografia

- BOSI, Alfredo. *O Tempo, os Tempos*. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas: vida literária do Realismo do Pré-Modernismo*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1991. p. 146.
- GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Poesias Completas de Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro, 1959.
- O GUAYBA. Porto Alegre: , ano 2, n. 14. 05 de abril de 1857. p. 106.
- TRINDADE, Raimundo. *Arquidiocese de Mariana: subsídios para a sua história*. 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. V. II.
- BARROS, José Américo. *Sátiras, Epigramas e Outras Poesias*. Belo Horizonte. Ed. Autor, 1983. p. 11.

¹¹ BURMEISTER, H. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Livraria Martins Editor.

¹² *Ibid.* p. 191.

BURMEISTER, H. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952. p. 202.

Ibid. p. 191.